As crianças como atores sociais, produtoras de memórias

Children as social actors, memory producers

CUNHA, Luiza Corrêa - UNIVILLE[1]
VOOS, Jordelina Beatriz Anacleto - UNIVILLE[2]

Resumo: O presente artigo expõe o relato de uma pesquisa que teve como principal objetivo exercitar a interlocução dos conhecimentos entre a universidade e a escola, propiciando uma experiência docente que articulasse a teoria e prática de modo indissociável. Adentrou-se no cotidiano de uma escola pública do município de Joinville – SC, a partir disso, houve a observação, a inserção e a coleta de dados, para a criação de um projeto educativo. A metodologia utilizada para este estudo foi baseada na pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, com abordagem qualiquantitativa e de cunho etnográfico. Mediante aos resultados da pesquisa, que indicaram que os profissionais conheciam a importância da literatura, mas pouco as utilizavam em seus planejamentos, havendo práticas culturais e artísticas precárias no local, aplicou-se um projeto de intervenção. O planejamento de docência, proveniente do projeto de intervenção, adotou a literatura como possibilidade de apresentar diferentes manifestações culturais às crianças, bem como instigá-las a apreciar mais o local onde vivem, auxiliando-as posteriormente na sua constituição como produtoras de memórias. Após todas as vivências, percebeu-se a conquista de autonomia na aprendizagem das crianças. Houve o aprimoramento da visão de mundo de todos os envolvidos, principalmente o olhar da pequena infância.

Palavras-chave: Crianças. Cultura. Docência. Literatura. Produção de Memórias.

Introdução: ensaiando a docência

[1]Graduada em Pedagogia, professora do Colégio da Universidade da Região de Joinville, Brasil, luiza.c@hotmail.com.

[2]Doutora em Educação pela PUCRS, professora Titular dos Cursos de Licenciatura da Universidade da Região de Joinville, Brasil, jovoos@gmail.com, coordenadora do Grupo de Pesquisa sobre Educação - GRUEPE/UNIVILLE.

Tornar-se professor hoje, em uma realidade tão complexa, é uma grande responsabilidade para com a sociedade, o conhecimento e a vida de todos os sujeitos. Por isso se faz necessário uma formação adequada em nível de, no mínimo, ensino superior.

Além disso, para ser Licenciado em Pedagogia, é necessário traçar uma trajetória que envolva todas as etapas da graduação, entre elas o Estágio Curricular Supervisionado. Entretanto, muitas vezes, o estágio é visto pelos acadêmicos e pelas escolas como sendo uma mera imitação dos modelos já estabelecidos, como sendo a prática de todos os anos do curso de ensino superior, desvinculado totalmente da teoria; teoria sendo teoria, prática sendo prática. De acordo com Pimenta (2012) "a dissociação entre a teoria e a prática aí presente resulta em um empobrecimento das práticas nas escolas, o que evidencia a necessidade de explicitar por que o estágio é teoria e prática (e não teoria ou prática)."

É primordial que os envolvidos neste processo tenham clareza que o estágio envolve a articulação da teoria e da prática, sendo esse um momento de grande pesquisa, reflexão e construção da identidade do educador.

A primeira etapa desta vivência consistiu-se na identificação da instituição de ensino, bem como a prática pedagógica dos docentes. A observação é um artefato da prática investigativa na escola, essa foi iniciada no educandário com o propósito de elaborar um diagnóstico. Depois de observar, fazer leituras, inquietar-se sobre as ações que ocorrem na instituição, a estagiária confrontou esses diagnósticos, e então criou um planejamento de inserção e posteriormente um projeto de intervenção.

Os planejamentos surgiram do notório fato de carência econômica, intelectual, cultural e social do contexto escolar. Vive-se em uma sociedade que se desfaz com rapidez das relações, que se importa muito com o consumo exacerbado, com as tecnológicas, com o que é sofisticado e globalizado, e dá menos relevância a cada dia para a empatia, a afetividade, para a formação do caráter, para o desenvolvimento do homem como ser humano; ser humano que se importa com os outros, com o meio onde vive; ser humano que busca uma educação de âmbito social e educacional que esteja envolvida no processo de transformação do mundo, com criticidade e pensamento autônomo. Segundo Cagneti (2013), “a leitura, em contrapartida, pede, naturalmente, o que esse mundo pós-moderno descarta: entrega, concentração, fidelidade, crítica, cumplicidade, retorno, reflexão, criação, recreação”.

O projeto de inserção possibilitou aos estudantes a vivência de um momento literário na escola, que despertou a fantasia e a imaginação, quando foram apresentadas contações de histórias e atividades lúdicas com práticas de alfabetização e de letramento, referentes aos revisitamentos do clássico infantil "O rei sapo ou Henrique de ferro", dos Irmãos Grimm.

Esse movimento possibilitou a realização do planejamento de intervenção, aplicado com a turma do 4º ano 1 do Ensino Fundamental, que tinha como objetivo adotar para as crianças a literatura como meio de disseminação da cultura do município, no seu bojo de ascendência alemã, como os autores Irmãos Grimm.

Com a pesquisa buscou-se suprir algumas carências das crianças, aproximando-as do cenário da cultura, da produção de memórias e da arte, respeitando o contexto de cada um dos estudantes e favorecendo os momentos de encantamento, mediados pela literatura. Ler é uma oportunidade efetiva de mudança.

Querer, produzir e ser cultura: as crianças como sujeitos de direitos, reconhecedores de suas manifestações artísticas e culturais

A realidade de boa parte dos estudantes das escolas de educação básica no Brasil é de grande carência em múltiplos aspectos. Apesar de ser um direito, não são todos as crianças que têm acesso a ida ao museu, ao teatro ou em uma biblioteca pública. Até mesmo dentro das instituições essas manifestações de cultura aparecem fragilizadas, pela falta de recursos materiais, sufocadas em meio do currículo que deve ser cumprido, de professores que se preocupam integralmente com as disciplinas, e esquecem que seus estudantes também têm sede de saber mais sobre seu povo, de reconhecer-se pertencentes daquele meio. A Base Curricular Comum Nacional (2016) afirma essa questão, reconhecendo o dever das instituições de estarem disseminando as práticas culturais. O documento explicita:

> Para que os direitos sejam assegurados no cotidiano das instituições, é preciso propor arranjos curriculares que atendam a esses direitos, superando visões fragmentadas do conhecimento e procurando acolher as práticas sociais e culturais das crianças e das comunidades, as diferentes linguagens simbólicas que nelas estão presentes, além dos conhecimentos sistematizados pela cultura e pela ciência.

Mas afinal, o que seria cultura? Vários significados foram atribuídos a essa palavra, desse modo ela designa um conjunto de valores e conhecimentos passados de geração em geração. Cultura é uma construção histórica, de sujeitos que sempre estão em movimento, em transformação. Sendo assim, é preciso com que as crianças conheçam a história de seus municípios, quais as manifestações artísticas presentes nele, como que é seu bairro, sua comunidade em torno da escola, sua família, entre outras questões. A partir disso, elas poderão construir seus próprios saberes, entendendo que estão inseridas no mundo e são produtoras de tudo, a todo momento. Segundo Bonfim, Santos e Maia (2010, p. 25):

> [...] os contextos de educação da infância devem ser vistos como espaços privilegiados das sociabilidades humanas, um espaço fértil da cultura como produção e produto, como trama e textura do social (Gusmão, 1999). Desta forma, o conceito de cultura é entendido como expressão de vida, como um modo peculiar de ver, sentir, tocar, ouvir, representar e relacionar-se com o mundo em que se vive. Se criar cultura é algo humano, as crianças pequenas também criam.

Almeja-se por uma escola que respeite todas as manifestações culturais e artísticas, e que ensine que todo sujeito tem uma cultura, que por direito pode ser expressa.

Discorrendo pela temática da escola permitir com que seus estudantes revelem suas práticas culturais e que permita com que eles tenham acesso a descoberta sobre suas origens, a história de seus municípios, bairros e culturas. Enfatiza-se aqui a importância de haver docentes que saibam desses direitos da infância e que estejam preparados para mediar tais conhecimentos sobre cultura. Não basta, por exemplo, levar os estudantes ao museu, sem saber como instigá-los a aprender sobre as obras e objetos que estão ali presentes. Os discentes não são mais os mesmos, são hoje em dia sujeitos atuantes e envolvidos na ação educativa, bem como o espaço do museu que ganhou novas atribuições, como afirma Gabre (2014, p. 157):

> Neste sentido, os museus, como espaços também na educação, passam a ser vistos na contemporaneidade, não apenas como depositários de um patrimônio ou de uma memória, que coletam, preservam, estudam e divulgam. O museu é o espaço também da construção de uma ideia de estar no mundo, um espaço relacional entre os homens e as coisas, um espaço de experiências, pesquisas e conhecimentos.

Levá-los a um museu requer preparo, planejamento, conhecimento sobre os materiais que lá estão, para que as crianças possam perguntar, dialogar e fazer troca de saberes com o professor.

É preciso tornar para a criança a ida ao museu significativa, desafiadora e prazerosa, assim como promover ainda mais o conhecimento realizando, por exemplo, uma contação de história de um livro da literatura infantil, levando-os a uma biblioteca pública, quem sabe a um espetáculo de teatro, ou simplesmente fazer com que eles descubram mais de suas raízes por intermédio de pessoas que tenham memórias a relatar ou artistas regionais com obras que possam ser pesquisadas e inseridas no ambiente escolar. Essas são ações imprescindíveis que fazem valer o direito à cultura que toda criança tem. É a partir dessa oportunidade que as crianças acabam querendo aprender mais e se reconhecendo como produtoras de cultura.

O resgate da cultura oral e das memórias por meio da literatura e da contação de histórias

A oralidade é um modo de disseminar cultura. Nossos antepassados necessitavam contar suas histórias, para que os ensinamentos passassem de suas gerações. Em muitos locais essa prática ainda é muito comum e valiosa, como em países africanos, ou com alguns povos indígenas. O autor Miranda (2015, p. 09) afirma que,

> [...] hoje a arte da narrativa permanece extremamente viva em culturas de povos como indígenas, africanos, asiáticos e árabes. Esse papel ressalta o papel capital que os contadores de história sempre ocuparam na formação das sociedades, uma vez que, detentores da sabedoria coletiva, eram e são os porta-vozes da memória, das tradições e do imaginário dos grupos nos quais se inserem.

Todavia, percebe-se que no Brasil, no contexto de uma sociedade globalizada, essa prática, infelizmente, fica cada vez mais rara nas famílias e nas escolas. Segundo Bohn (2014, p.167),

> a força da oralidade aparece, aqui, como um importante elo social. Em tempos de sociedade contemporânea, vestidas de "catadores de cultura visual", como afirma Hernández (2007), o falar ainda permeia a educação e a troca de experiências da sociedade. Fala-se na televisão, na sala de aula, em casa, na roda de amigos, nos bares da vida, nas brincadeiras, pode-se falar com o mundo pelas redes sociais;

> enfim, troca-se ideias por meio da expressão verbal em todos os momentos. É a possibilidade de aprender com o outro, vivenciar com o diferente e apresentar a sua concepção sobre o que está exposto.

O que muitos não sabem é que contar histórias também é uma manifestação artística e que por meio dela a nossa cultura oral não é esquecida. As histórias são um modo de manter vivo pensamentos e ações de outras proles, que influenciam diretamente na nossa educação e atitudes do dia-a-dia. Com as histórias as crianças também aprendem, resgatam memórias, como acontecimentos marcantes em um município, lembranças daqueles que contribuíram para a formação de um determinado bairro ou da construção de uma determinada instituição escolar. Mais uma vez de acordo Miranda (2015, p. 09),

> [...] desde a infância e por toda a vida, a contação de história faz parte da construção da identidade e da afetividade. Neste sentido, a fabulação nos possibilita experimentar o prazer de perceber o mundo e a existência por meio de representações que nos levam a conhecer outras realidades, e a refletir, transcender e desenvolver uma acuidade sobre o real, nos habilitando a percebê-lo sobre um olhar renovado.

A cultura oral proporciona a sensação de pertencimento, influenciando na edificação da identidade e personalidade da criança. Assim como a literatura, que nos indivíduos produz o sentimento de identificação. As crianças quando escutam as histórias, percebem-se nos personagens, e a partir disso, constroem suas personalidades, baseadas nos retratos das narrativas, representações de nossa sociedade, ou de sociedades passadas. A literatura dá a criança a liberdade para ela ser o que quiser, faz com que ela possa livremente fantasiar e imaginar. A arte de contar histórias está profundamente relacionada com a literatura, “as histórias só existem porque há quem as conte e quem as leia, dentro da tríade mínima da comunicação: emissor, mensagem, receptor” (MEDEIROS; MORAIS, 2015, p. 11).

Todavia, é essencial ter em vista que contar histórias faz parte da comunicação, mas vai muito, além disso. Contar histórias está profundamente ligado a alma, a humanização das pessoas, a perpetuação da palavra. Nas instituições educativas, essa concepção muitas vezes se perde, de modo que os professores veem a literatura e a contação de histórias como um simples instrumento de sala de aula, para fins unicamente didáticos e sem vínculos afetivos. Ler também não significa apenas decodificar ou decifrar o código escrito, mas sim interpretar,

narrar, vivenciar, estabelecendo um vínculo com o seu ouvinte, tornando a história significativa para que seja possível preencher lacunas que possam surgir.

Buscando dar sentido aos textos lidos, por meio das contações de histórias, no projeto foram contadas as narrativas “Fritz: um sapo nas terras de príncipe” e “Fritz: olha o trem”, ambos do autor Jura Arruda, que reside em Joinville. O intuito era de apresentar às crianças a história do município, fazendo com que elas se encantassem com o resgate da cultura oral, e posteriormente, entendessem que também são atores sociais, que podem na linguagem escrita ou oral construir suas próprias memórias.

Procedimentos metodológicos

Observando a necessidade de tratar a temática na escola o projeto de intervenção teve como metodologia inicial a pesquisa bibliográfica, que busca na literatura fontes confiáveis de pesquisa para uma fundamentação teórica do que está sendo vivenciado no campo de estágio. Ainda como metodologia, a pesquisadora utilizou da pesquisa de campo, caracterizada por ser mais profunda.

A pesquisa foi realizada *in loco,* à luz da abordagem de teor qualiquantitativo, ou seja, algumas perguntas aplicadas aos profissionais da escola resultaram em porcentagens, mas a cada questão, de modo interpretativo, atribuiu-se significado, com a análise de conteúdo, como descreve Bardin (1979, p. 42):

> Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

O cunho da pesquisa foi etnográfico, possibilitando assim um estudo dos sujeitos. Segundo Marconi e Lakatos (2010, p. 94), a pesquisa etnográfica é um método que “diz respeito a aspectos culturais. Consiste no levantamento de todos os dados possíveis sobre a sociedade geral e na descrição, com finalidade de conhecer melhor o estilo de vida ou a cultura específica de determinados grupos.” Ou seja, procurou aprofundar os conhecimentos sobre a determinada instituição de ensino.

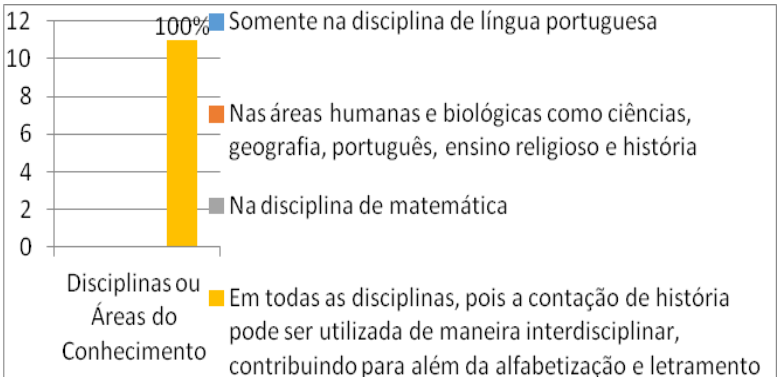
Algumas características principais da pesquisa etnográfica educacional são: o trabalho de campo ser duradouro, com mais ou menos um ano escolar; o pesquisador realizar a investigação pessoalmente; o pesquisador ter mais de um método de coleta de dados, como por exemplo ter roteiros de entrevistas com professores e estudantes, observar o cotidiano da instituição educacional (FIRESTONE; DAWSON *apud.* LUDKE; ANDRÉ, 2014, p. 15 – 17); relacionar o que está sendo estudado, dentro e fora da escola (como realizado com as 13 crianças da instituição pública onde foi realizada a pesquisa, que obteve aulas de campo em museus, na biblioteca municipal, fazendo correlação com os dados do município de Joinville).

Constituíram-se em instrumentos de pesquisa, as rodas de conversa com as 13 crianças da turma do 4º ano 1, conversas informais e entrevistas com os professores e funcionários. Bem como as observações e os registros que foram feitos por meio de desenhos, fotos, textos, atividades e diários de bordo da semana de docência da estagiária na escola.

Discussão dos resultados emergidos na prática docente: reflexões acerca das crianças como produtoras de memórias

A entrevista semiestruturadas foi aplicada com 11 pedagogas dos anos iniciais da escola. O roteiro de entrevista conteve 12 questões, mas somente as respostas de maior relevância serão apresentadas.

Gráfico 1 - A contação de histórias e sua contribuição em quais disciplinas ou áreas do conhecimento.



Fonte: Primária, 2016.

Percebe-se no gráfico 1 que as professoras têm consciência da importância da prática da contação de história para a aprendizagem das crianças em todas as áreas do conhecimento, sendo que de um total de 11 pedagogas, todas responderam acreditar que a contação contribui para os saberes de modo interdisciplinar, indo além da alfabetização e letramento. Todavia, nas observações feitas pela pesquisadora, não notou-se nas práticas cotidianas o exercício da mediação de leitura, nem o da contação de história.

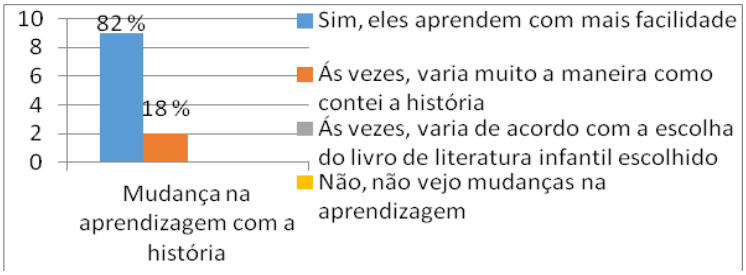
Em contrapartida, o projeto de intervenção trouxe a contação de história do livro "Fritz: um sapo nas terras de príncipe", do autor Jura Arruda. A intenção de realizar uma contação de história, e não somente uma mediação de leitura, surgiu pela necessidade de assemelhar o livro, que narra um pouco da história local, do município de Joinville, com a questão dos antigos contadores de histórias que tinham somente a voz como recurso para materializar os valores, os costumes e as crenças do povo. Segundo Busatto (2003, p. 10),

> Ler histórias para os alunos é uma prática que ocupa um significativo espaço no processo pedagógico, porém contar histórias vem a ser outra técnica, e nos remete aquela figura ancestral, que, ao redor do fogo, ou ao pé da cama, contava histórias para quem quisesse ouvir, narrava contos do seu povo, àquilo que havia sido gravado em sua memória através da oralidade.

Contar histórias é contar memórias, por isso essa prática vem ao encontro do tema norteador do projeto. Além disso, a contação de história é algo diferente no cotidiano das crianças dessa escola. Quando há uma aproximação com a literatura por parte das professoras, é somente executada uma mediação de leitura, ou seja, simplesmente leitura da narrativa.

Primeiramente, a estagiária utilizou o quadro digital para construir uma reescrita da história do Fritz de maneira coletiva com as crianças, uma vez que na escola o aparelho era pouco utilizado pelo corpo docente. Conforme diz Soares (2000, p. 77), "a escola tem de estar atenta e aberta para as mudanças que a digitalização da sociedade exige na busca da economia globalizada e da cultura mundializada e que constituem novos desafios para a socialização das novas gerações."

Gráfico 2 - Mudança na aprendizagem das crianças quando existe uma história envolvida.



Fonte: Primária, 2016.

No gráfico 2, 18% das educadoras acreditam que a mudança na aprendizagem varia de acordo como elas contam a história e 82% assumem que por meio de uma narrativa oral as crianças aprendem com mais facilidade.

Efetivamente por meio de um livro de literatura pode-se adentrar a vários assuntos diferentes, até mesmo conteúdos em sala de aula. Na primeira obra com o personagem Fritz, os assuntos Paisagem Natural e Transformada, localização de Joinville no mapa político e a localização do bairro Boa Vista dentro do mapa do município, foram abordados. Após as explicações dos conteúdos, a estagiária pediu para as crianças realizaram a separação em conjuntos das fotografias do município de Joinville em um papel *Kraft*.

Outro exercício geográfico fez referência ao bairro de localização da escola. Foi pedido às crianças que desenhassem o caminho da sua casa até a instituição de ensino em forma de mapa, registrando os comércios, domicílios, entre outros. Essa seria a base (a planta) da criação de uma maquete da quadra da escola. A atividade tinha como objetivo ler o lugar, isto significa ler o mundo, assim como afirma em outras palavras Callai (2000, p. 29),

> Ao fazer o mapa, por mais simples que ele seja, o estudante estará tendo a oportunidade de realizar atividades de observação e de representação. Ao desenhar o trajeto que percorre diariamente, ele verificará até aspectos que não percebia, poderá levantar questionamentos, procurar explicações, fazer críticas e até mesmo tentar achar soluções.

Em grande grupo as crianças construíram a maquete do quarteirão da escola. A estagiária surpreendeu-se com as falas das crianças: "*eu amei fazer essa maquete, nunca tinha*

feito uma" (Criança F.), "*aprendemos certinho agora o que tem perto da nossa escola"* (Criança L.), *"sora Luiza, podemos fazer uma maquete da cidade toda*?" (Criança R.).

Além do primeiro livro, o segundo com o personagem Fritz também é um exemplo de como a literatura auxilia na aprendizagem. "Fritz: olha o trem!" trazia em sua narração informações sobre o local histórico Estação da Memória. Na docência, após a contação dessa aventura, a estagiária indagou as crianças: "*Neste livro, qual museu de Joinville aparece na história?"* Então os discentes citaram a Estação da Memória e uma explicação sobre os patrimônios culturais do município foi realizada.

Representando a produção e expressão cultural e artística infantil, foi proposto às crianças que escrevessem uma terceira história para o personagem Fritz, uma vez que ao final do livro dois o autor sugere mais uma aventura em Joinville. A estagiária comunicou às crianças que da história coletiva e da história individual criada naquele momento seria feito um livro para mostrarem ao autor Jura Arruda que iria até a escola. A euforia foi total em sala, alguns estavam incrédulos, tanto que o discente L. declarou: "*Vamos fazer o texto certo, o homem vem aqui gente!"* A estudante M. disse: "*vou pedir um autógrafo!"*

Em um outro momento da docência, houve a proposta das crianças, na sala de informática, estarem digitando suas produções textuais do Fritz 3. A intenção foi proporcionar uma aula dinâmica e tecnológica, que apresentasse a praticidade aos estudantes do *word* apontar os erros ortográficos cometidos por elas. Oportunizou-se aos discentes aprenderem a utilizar a tecnologia para fins de conhecimento, todavia que o letramento digital vai muito além do domínio das redes sociais e da internet.

Constatou-se que todas as crianças da turma não sabiam utilizar o programa *word* e aprenderam na aula da estagiária na sala de informática.

No último dia de docência houve a visita do escritor Jura Arruda à escola. Ele foi recebido com muito carinho pelas crianças, mas algumas estavam receosas, para elas o universo dos livros, escritores, bibliotecas, é ainda muito distante de suas realidades sociais.

O autor fez algumas falas relacionadas a sua vida pessoal, depois falou de seu primeiro livro infantil Fritz, a criação do roteiro, o número de páginas, a importância do estudo e pesquisa para criar uma história com características locais. Em seguida, dividiu com a turma a próxima história que pensa em criar com os personagens Fritz e Futrika, dando filhos a eles e

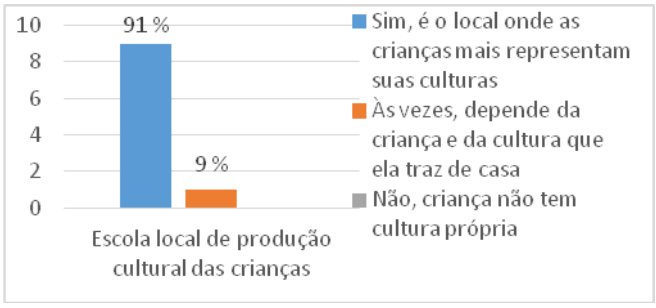
narrando a vinda do Zepelim para Joinville. Respondeu a todas as perguntas, abraçou as crianças, deu autógrafos, assinou o livro que a turma criou e mostrou para ele.

As crianças impregnaram-se de saberes, de conhecimento, encheram-se de vontades e de sonhos. Emocionaram a cada membro da escola, a estagiária e o próprio escritor com suas falas e com os olhos brilhando diante de seus livros autografados e seus cadernos com registros.

Cada um dos estudantes da turma ganhou um livro comprado pela estagiária. Isso aconteceu porque uma das crianças perguntou a acadêmica: "*professora eu trouxe dinheiro, será que dá de comprar?"* (Criança J.). Eram somente moedas e não fechavam nem mesmo R$ 2,00 reais. De toda a turma do 4º ano, nenhuma criança tinha o valor completo para adquirir algum dos livros do autor.

Ao final de maneira espontânea e feliz a criança R. disse em voz alta para todos: "*agora sim, depois desse dia eu vou gostar de ir à biblioteca.*" Essa fala foi muito significativa e quebrou vários paradigmas: crianças pobres não valorizam o que é dado para elas; crianças de escola pública não sabem cuidar dos livros, não devem ir a bibliotecas porque não sabem se comportar; qual o interesse de levar um autor em uma escola de crianças carentes se elas não entendem a dimensão disso? Aquelas crianças que não são cedo apresentadas a literatura e aos livros nunca vão gostar de ler; não há projeto escolar que faça com que as crianças despertem amor a leitura.

Gráfico 3 - A escola como local de produção cultural das crianças.

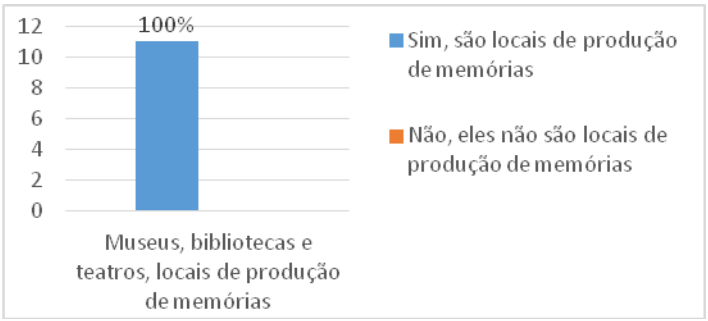


Fonte: Primária, 2016.

Retomando aos gráficos, visualiza-se no número 3 que nenhuma das professoras consideram que a criança não tem cultura própria, 9% afirmaram que a escola pode ser um

local de produção de memórias das crianças dependendo da cultura que elas estão inseridas e 91% das educadoras afirmaram que sim, a escola é o local onde as crianças mais representam suas culturas e memórias. Vindo de encontro com o estudo teórico em sala, os estudantes trouxessem objetos antigos para contar com eles parte de suas memórias.

Gráfico 4 - Museus, bibliotecas e teatros como ambientes que são espaços de memória.



Fonte: Primária, 2016.

O gráfico 4 ilustra que 100% das professoras acreditam que esses patrimônios culturais do município são espaços de memória e devem ser apresentados às crianças. Porém, afirmam na entrevista que levam pouquíssimas vezes as crianças a esses locais.

Por conta do desassossego sentido pela pesquisadora ao notar na coleta de dados que as professoras pouco levavam as crianças em espaços culturais, na semana de docência a estagiária realizou uma aula de campo com a turma do 4º ano na Biblioteca Pública Rolf Colin, na Estação da Memória, no museu Mudi e no museu do Ferro de Passar, em Joinville. Tudo se sucedeu na seguinte maneira: a estagiária distribuiu a todos o roteiro elaborado de como seria a ida aos locais culturais do município. Esse roteiro tinha espaços a serem preenchidos, como uma atividade para ser feita durante ou após a aula de campo. Depois, foram aos locais.

Ao chegarem na Biblioteca Pública Rolf Colin os estudantes foram recebidas pela professora A. que iniciou sua fala contando do Marco Geodésico que se localiza na biblioteca. Em seguida, foram apresentados a todos os setores da biblioteca: a sala de pesquisa, a sala de literatura juvenil, literatura infantil, setor de Braille e "hospital de livros".

A estagiária seguiu com seus estudantes para a Estação da Memória. Chegando a estação, antes de entrar no museu, analisaram um mapa. Essa ocasião foi demasiada

importante, pois foi de alfabetização cartográfica, essa diz respeito a "saber operar com signos que expressam significados, que permitem, por sua vez, a leitura do mundo, por meio da leitura do mapa" (CALLAI, 2000, p. 32). Com o mapa de Joinville a estagiária mostrou aos estudantes todo o caminho percorrido.

Entrando na Estação da Memória a turma foi recebida pela historiadora que iria os acompanhar a turma na aula de campo. A historiadora explicou sobre as classes sociais e como funcionava a bilheteria na entrada da estação. De forma lúdica as crianças entraram pela catraca, como era feito antigamente com os passageiros, e entregaram seus bilhetes comprados na bilheteria de madeira a historiadora. Passaram por todas as salas do patrimônio histórico e analisaram os objetos.

Ao sair a turma observou todas as construções antigas dos museus. Associaram suas formas ao assunto tratado em Linguagem Matemática em sala. Chegando na escola preencheram de forma coletiva o roteiro que lhes foi entregue antes da aula de campo com perguntas sobre os patrimônios conhecidos e com um quadro para a classificação das Figuras Planas e Figuras Espaciais. Gabre (2014, p.163) ainda nos diz que:

> ao final da visita da criança pequena ao museu, é importante que o trabalho continue nas instituições educativas, e aí o professor novamente assume um significativo papel, ao tornar o momento vivido algo que de alguma forma deixe marcas positivas e provoque nela o desejo de retorno ou mesmo o desejo de conhecer outros espaços.

Houve também no primeiro dia de docência perguntas destinadas aos estudantes. Foi realizada uma entrevista nãoestruturada por meio de uma roda de conversa com a turma do 4º ano 1. Desse modo, as falas mais relevantes encontram-se no quadro número 1.

Quadro 1 - Entrevista com as crianças.

Indagações	Respostas
O que vocês entendem por memórias?	- O que tem na mente da gente, algo que vivemos e gravamos (Criança L.).
O que vocês entendem por cultura?	- Aquilo que herdamos dos nossos antepassados (Criança G.).
Quais espaços culturais vocês já tiveram acesso?	- Apresentações na escola, mas só, quase não fazemos passeios (Criança A.).
Já foram em museus?	- Não, nunca fui (Criança W.). - Eu já fui uma vez na minha antiga escola (Criança J.).
Já foram em bibliotecas?	- Não, só a da escola (Criança R.).

Vocês gostam de contações de histórias? Por que?	- Gostamos muito, viajamos pelo livro (Criança B.). - Eu gosto das histórias por causa dos objetos e figurinos diferentes (Criança F.).
Contação de história também faz parte da cultura?	- Não, acho que não (Criança W.). - Sim, com certeza (Criança R.).
O que vocês sabem sobre cultura local?	- São as coisas daqui (Criança L.). - É a história de Joinville (Criança M.).

Fonte: Primária, 2016.

De fato, as crianças têm seus conhecimentos prévios sobre qualquer temática e considerar suas falas é algo essencial para a pesquisa. Isso significa que o planejamento de docência foi realizado e executado a partir do que foi dito por elas.

Outras atividades que ocorreram durante o período do projeto de intervenção na escola foram: a criação de uma mascote para a turma, o estudo sobre anfíbios, no qual a estagiária levou para a classe uma dupla de sapos mortos armazenados em um vidro com álcool e formol utilizado para estudos acadêmicos na UNIVILLE, a elaboração de um gráfico e a brincadeira do jogo da Trilha de Joinville em 3D.

Como forma de encerrar o projeto organizou-se uma exposição com todos os registros, atividades realizadas durante o período de docência. O grande destaque foi o livro produzido pelas crianças com as histórias do Fritz, que posteriormente ficou na biblioteca da escola.

As crianças demonstraram neste período de experiência docente todo o amor e gratidão pela estagiária, mostrando o quanto é possível se alcançar com a educação. A trajetória não é fácil, é preciso perseverança, força de vontade por parte de todos os envolvidos. Esse é só o início, a cada turma um novo começo, é preciso sempre (re)começar.

(In) Conclusões

Todas as etapas decorrentes do Estágio Curricular Supervisionado foram demasiadamente intensas, cheias de saberes, caminhos e descaminhos na educação e na construção da identidade/subjetividade profissional.

O estágio evidenciou em vários momentos muitas emoções de descobertas, medos, crenças, vontades e conclusões inacabadas sobre a infância. De todo o processo, sem dúvida, os dias de docência são os mais densos, pois apresentam o cotidiano da instituição como ele é,

mostrando as crianças com suas verdades e suas histórias, que podem influenciar tanto o aprender, quanto simplesmente dificultar ainda mais a aquisição do conhecimento para elas.

O projeto indagou, ofereceu respostas, fez pensar, produziu significado e ressignificou as ideias, pois era uma temática que ampliava a visão de mundo, com ações afirmativas. De modo que,

> [...] para mulheres e homens, estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e com os outros. Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem 'tratar' sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia [...] sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar, não é possível (FREIRE, 2013, p.57).

Para aquelas crianças do 4º ano 1 estar no mundo de modo físico bastava, elas não precisavam de histórias nem poesias, nem de museus e obras de arte, não precisavam se sentir pertencentes de sua escola e não se reconheciam como atores sociais produtores de memórias, construtores da cultura. Com o projeto uma venda escura foi tirada dos mais belos olhos, foi possível ver o quanto é importante estar no mundo por inteiro, conhecendo de tudo, visitando os patrimônios do município, assistindo a apresentações culturais, conversando com as pessoas, aprendendo por meio da vivência e com a experiência.

Fazer o estudante adquirir autonomia, posicionar-se criticamente frente os acontecimentos, refletir, indagar, ter curiosidade, procurar soluções as problemáticas é o verdadeiro papel do professor na escola. Pensando nesta função de educador, a estagiária inquietou-se com o cenário e buscou levar ao 4º ano 1 o conhecimento para além dos muros da escola, realizando a aula de campo na Estação da Memória, no museu Mubi, no museu do Ferro de Passar e na Biblioteca Pública, apresentando as obras locais como o livro Fritz (do município de Joinville) e seu criador Jura Arruda, proporcionando a criação de um livro, a relação com as mais diversas tecnologias, a participação em uma palestra/entrevista, sessão de autógrafos, o contato com o corpo de um anfíbio, a apresentação de suas próprias memórias antigas.

Percebe-se, revendo todo o percurso traçado, que a avaliação no projeto de intervenção foi oriunda de diversos meios. Desse modo, a estagiária voltou em seus registros, roteiros de entrevistas, caderno das crianças, diário de bordo, para poder avaliar não somente os

resultados, mas todo o processo até aqui. Uma jornada que continua durante a vida escolar das crianças e também durante a formação profissional da estagiária, que em sua passagem buscará sempre ensinar e aprender; aprender a aprender.

Conclui-se que, todos os objetivos propostos foram atingidos, subsidiados de uma sensação de dever cumprido. Escutar as crianças dizendo que mudaram suas perspectivas com relação ao ler, aprender, a quem são, o que fazem na escola e em outros espaços do município, é efetivamente uma vitória. De fato, os meninos e meninas, se descobriram como atores sociais, realizando expressões artísticas como a criação da maquete coletiva e a contação de história de suas memórias pessoais com objetos antigos. Além da grande produção do livro releituras, desenhos, fotografias e recordações da semana de docência.

Com o projeto foi possível dar asas a pequenos pássaros, que antes não conseguiam voar. As crianças descobriram a liberdade do aprender, o quanto são capazes e o quanto ainda podem conquistar por meio da educação.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979. 229 p.

BRASIL. **Base curricular comum nacional.** 2ª Proposta Preliminar. Brasília: MEC, 2016. 662 p.

BOHN, Letícia Ribas Diefenthaeler. Arte/cultura: pertencimento e construção de identidades. **Arte/educação**: Ensinar e aprender no ensino básico. Joinville, SC: Editora Univille, 2014.

BONFIM, Kateuscia Pereira; SANTOS, Maria Rosina Sobral Maciel dos; *et. al*. Cultura: um estudo sobre pertencimento na educação da infância. *In:* VOOS, Jordelina Anacleto Beatriz; BECKER, Rosana. **Diálogos e trajetórias**: da perspectiva individual à docência compartilhada. São Paulo: All Print Editora, 2010.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar:** pequenos segredos da narrativa. 8ª edição. Petrópolis: Vozes, 2012.

CAGNETI, Sueli. **Leituras em contraponto**: novos jeitos de ler. São Paulo: Paulinas, 2013.

CALLAI, Helena. **O estudo do lugar como possibilidade de construção da identidade e pertencimento**. VIII Congresso Luso – Afro – Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra, Portugal. 2004. 10 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 45ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

GABRE, Solange. **Mediação cultural para a pequena infância**: desafio dos museus. **Arte/educação**: Ensinar e aprender no ensino básico. Joinville, SC: Editora Univille, 2014.

LUDKE, Menga. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. 2ª edição. Rio de Janeiro: EPU, 2014.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7ª ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes; MORAIS, Taiza Mara Rauen. Soprado pelo vento para chamar passarinhos e esticar horizontes. **Contação de histórias**: tradição, poéticas e interfaces. São Paulo: Sesc, 2015. 544 p.

MIRANDA, Danilo Santos. Contar para viver e viver para contar. *In:* MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes; MORAIS, Taiza Mara Rauen. **Contação de histórias**: tradição, poéticas e interfaces. São Paulo: Sesc, 2015. 544 p.

PIMENTA, Selma Garrido. **Estágio e docência**. 7ª edição. São Paulo: Cortez, 2012. p. 01 – 296.

SOARES, Suelly Aparecida Galli. **Arquitetura da identidade**: sobre educação, ensino e aprendizagem. São Paulo: Cortez, 2000.